

em sua radicalidade e nas transformações sociais que reivindicava. Mesmo que tenha dito em outra passagem do texto que a religião era a máscara que encobria as lutas entre camponeses, burgueses e aristocratas, Engels reconheceu que "a doutrina política de Münzer procede diretamente de seu pensamento religioso revolucionário".<sup>26</sup> E acrescentou de forma crítica:

Se a filosofia religiosa de Münzer se aproximava do ateísmo, seu programa político tinha afinidade com o comunismo. Muitas seitas comunistas modernas, em vésperas da revolução de fevereiro não dispunham de arsenal teórico tão rico como os de Münzer do século XVI.<sup>27</sup>

Convém ressaltar que, em 1843, Weitling escreveu no seu livro *O Evangelho do Pobre Pecador* que Jesus foi o primeiro revolucionário, cuja luta contra os fariseus e os ricos dava ao Evangelho o seu significado Socialista e que Karlstadt e Thomas Münzer provaram que todas as idéias democráticas são conseqüências do cristianismo.<sup>28</sup> Engels retomaria tais idéias, mesmo reconhecendo em Weitling um socialista utópico, não cientista como ele e seus companheiros.

Analisando tais comparações diríamos que há um certo anacronismo ao comparar o século XIX com o século III ou o século XVI, pois representam conjunturas históricas muito diferentes. Por outro lado, entendemos o problema como uma demonstração da importância que o fato religioso tinha na História da Alemanha. Marx, ao buscar traçar as origens revolucionárias alemãs, disse que "o passado revolucionário da Alemanha é efetivamente teórico e a Reforma... a Guerra dos Camponeses, o fato mais radical da história alemã, esbarrou na teologia".<sup>29</sup> Tais aspectos contestatórios ou revolucionários do cristianismo primitivo e do movimento anabatista, exerceram um verdadeiro fascínio sobre os marxistas, a exemplo de Ernst Bloch que escreveu *Thomas Münzer, Teólogo da Revolução*. Ao se reportar ao anabatismo, Bloch ressaltou o irrompimento do Império quiliástico<sup>30</sup> e disse que "nunca a humanidade pretendeu e experimentou algo tão profundo, quanto nas intenções deste anabatismo, rumo à Democracia mística". Também Rosa Luxemburgo se debruçou sobre o tema, ao escrever *O Socialismo e as Igrejas: O Comunismo dos Primeiros Cristãos* afirmou que "os primeiros apóstolos do cristianismo eram ardentes comunistas, lutando por justiça social"<sup>31</sup>. Antonio Gramsci tentou reformular a teoria marxista/engelsiana da religião, abandonando a interpretação determinista e recuperando os elementos históricos ou utópicos, na perspectiva de realizar, mediante o conflito social, uma sociedade mais justa. Gramsci destacou na sua obra